



UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM *TERRA ENCHARCADA* DE JARBAS PASSARINHO

Miguel Nenevé¹

Renata Batista da Silva²

Sonia Maria Gomes Sampaio³

Resumo

O romance *Terra Encharcada* de Jarbas Passarinho (1968), apesar de premiado com a maior láurea do Pará, Samuel MacDowel, não é muito explorado nos meios acadêmicos quando se estuda textos literários sobre seringais e seringueiros. O romance teve seu momento de sucesso e depois foi esquecido. Neste artigo investigamos como esta obra explora a questão do seringueiro que sai do sofrido Nordeste para sofrer no “inferno” da Amazônia. Neste caso, não é o inferno verde de Rangel e outros escritores, mas o inferno encharcado vivido pelos seringueiros explorados e caçados pelos seringalistas. Além disso, há o inferno sofrido pelos animais que são a caça de todo o seringueiro, uma vez que se tornam quase a única fonte de alimentação naquele ambiente. Para nossa discussão, usamos um pouco da teoria da Ecocrítica, principalmente com Greg Garrard (1912) bem como textos de estudiosos da Amazônia e dos seringais, como Marcio Souza, J P Loureiro, Antonio Loureiro e Samuel Benchimol entre outros.

Palavras-chave: Amazônia, inferno, *Terra Encharcada*, Jarbas Passarinho, caça.

A HELL TO THE RUBBER TAPPERS AND TO THE ANIMALS IN *TERRA ENCHARCADA* DE JARBAS PASSARINHO

Abstract

Jarbas Passarinho's *Terra Encharcada* (Wet Land) (1968), despite being awarded the Samuel Mac Dowel Prize, the biggest Prize in Pará, is not widely explored in academic circles when studying literary texts on rubber plantations and rubber tappers. Passarinho's work had its moment of success and was later almost forgotten. In this article, we explore how Jarbas Passarinho's novel explores the difficult condition of rubber tappers who leave the Brazilian Northeast in order to

¹ Professor Doutor do Mestrado em Estudos Literários – PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

² Mestranda do Mestrado em Estudos Literários – PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

³ Professora Doutora do Mestrado em Estudos Literários – PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

suffer in the Amazonian "hell". In this case, it is not the "Green Hell" of Humboldt, Rangel and other writers, but a hell experienced by rubber tappers exploited and hunted by the owner of the plantation. Moreover, animals had to face their hell too as they are hunted by all the rubber tappers, as they are almost the single source of food (and skin) in the area. Ecocriticism, especially with Greg Garrard (1912), as well as scholars who study the Amazon and the "seringais", such as Marcio Souza, J. Loureiro, Antonio Loureiro and Samuel Benchimol, among others, will be our theoretical support.

Keywords: Amazon, Hell, Terra Encharcada, Jarbas Passarinho, Hunting.

Introdução

“Os mantimentos já se iam escasseando e agora o rifle andava sempre pronto para abater uma caça desgarrada que atravessasse o itinerário do seringueiro” (PASSARINHO, TERRA ENCHARCADA, p. 80)

Os pobres que não conhecem/ a vida no seringal/ e ouvem dizer que lá tem/
riqueza descomunal, /correm atrás da riqueza, / mas... só encontram
torpeza
na luta triste infernal! (F. T. AMARAL, s/d: 4)

Várias obras da literatura que versam sobre Amazônia têm como motivo literário a vida nos seringais. Obras como *A Selva* de Ferreira de Castro, *Seringal* de Miguel Ferrante, *Terra Caída* de José Potyguara, e até mesmo o livrinho de poemas *A vida do seringueiro*, do piauiense Firmino Teixeira do Amaral oferecem oportunidades para reflexões sobre as péssimas condições em que viviam os seringueiros. Os homens, que na sua maioria, se transformavam em seringueiros, vinham de outras partes do Brasil, principalmente do Nordeste e eram responsáveis pela extração do látex a fim de produzir borracha para o patrão que tinha no seringal o objetivo de aumentar sua riqueza. Como afirmam NENEVE & DA SILVA (2020). “Amazônia era o refúgio não somente para nordestinos famintos, mas para seringalistas gulosos, gananciosos de acumularem mais riquezas.” (p.126).

As obras de ficção, algumas em poesia, exploraram muito o regime de escravidão em que vivia o seringueiro, muitas vezes iludido por propagandas enganosas. Muitos são os estudos acadêmicos que exploram esta questão focalizando os romances como denúncia de situações dos seringueiros, condição de vida das mulheres e das crianças na região. As epígrafes acima fazem referências

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

ao cotidiano dos seringueiros em muitos seringais no Amazonas. A primeira, uma passagem do livro de Jarbas Passarinho, que analisamos aqui, é uma referência à importância da caça para os seringueiros. Quando os mantimentos se acabavam a caça era o único meio de sustento do seringueiro. A segunda epígrafe, de Firmino Teixeira Amaral, fala da ilusão que as pessoas que não conhecem podem ter sobre o seringal.

Argumentamos neste artigo que as criações literárias sobre a borracha além de explorarem a agonia dos seringueiros na floresta, também oferecem possibilidades de várias reflexões sobre o relacionamento do homem com a natureza, as suas impressões sobre a Amazônia e sobre o novo ambiente, inclusive com os indígenas, como dizem os versos da canção “O Encantado Vale do Jari”, de Aureliano Neck e Nonato Soledade: “Os índios com medo/ Dos novos habitantes/Fugiram para matas distantes.”

Além de explorarmos a relação do seringueiro com o seringalista e com outros seringueiros, também investigamos na obra de Jarbas de Passarinho, como se dá a relação do homem com a natureza, incluindo aqui os animais, que ocasionalmente também são vítimas no contexto do seringal. A Ecocrítica que estuda a relação entre a literatura e o ambiente físico e que questiona como a natureza é representada na obra literária pode nos auxiliar em nosso estudo. O ecocrítico Greg Garrard (2012), nos convida a prestar atenção no modo como a natureza e o ambiente em si são abordados. Richard Kerridge em sua obra *Writing the Environment* (1998) sugere que há uma ecocrítica cultural ampla: “o ecocrítico quer rastrear ideias ambientais e representações em todo lugar que elas aparecem” (p.5) [tradução nossa].

Neste aspecto, a ecocrítica ajuda a “avaliar textos e ideias em termos de sua coerência e utilidades como respostas à crise ambiental” (idem, p. 5). Estudos de ecocrítica apontam a necessidade de se observar a relação entre animais e humanos atentando para a representação dos animais na história e na cultura como também as considerações filosóficas dos direitos dos animais. (GARRARD, p. 146). Estas relações acontecem entre o homem, a natureza física (flora) e os animais, cotidianamente na vida dos seringueiros, como pontua Samuel Benchimol em *Romanceiro da Batalha da Borracha* (1992), ao dizer que os seringueiros

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

enfrentavam, “uma paisagem encharcada, submersa a maior parte do ano. Os igapós, as várzeas, lagos, os paranás, um mundo de água e rios. E um tipo curiosíssimo de gente ainda por estudar. Caboclos mansos, esquecidos do mundo sem ambição.” (BENCHIMOL, p.36). Neste contexto, estão os animais, “peixes do rio, do pirarucu, e do tambaqui, do jaraqui e do matrinchão....” Havia também “festa do tambaqui e do peixe-boi”, além de muitas animas de caça que eram o sustento do seringueiro.

Estas questões são percebidas no romance *Terra Encharcada* de Jarbas Passarinho (1968). A obra apresenta um cenário menos comum que outras obras sobre seringais, pois não se trata de algum local no Acre ou no estado do Amazonas, mas num remoto local no estado do Pará, o Vale do Jari. Antes de começarmos a explorar a obra apresentaremos brevemente alguns dados biográficos do autor.

Jarbas Gonçalves Passarinho nasceu em Xapuri (AC), em 11 de janeiro de 1920. Ingressou na carreira militar, chegando ao posto de tenente-coronel quando da deposição de João Goulart e a subsequente instauração do Regime Militar de 1964, quando ingressou na política. Em 15 de junho de 1964 tornou-se governador do Pará .

Antes da publicação de *Terra Encharcada*, iniciou-se nas Letras locais em Belém. Com a publicação deste romance, em 1959, ganhou o mais importante prêmio literário do Pará, o prêmio Samuel Wallace MacDowell, da Academia Paraense de Letras – da qual também foi membro e presidente. Depois deste romance, Jarbas Passarinho publicaria somente obras não ficcionais, tais como: *Amazônia, o desafio dos trópicos* (1972) entre outras, *Último líder da ARENA no Senado* (1980), *Águias e papagaios: encontro com J. P. aos domingos* (1982), *Liderança Militar* (1987), *Na planície* (1990), *17 meses de Ministro da Justiça* (1992), *Parlamentarismo e Presidencialismo* (1993), *Um Híbrido Fértil* (1996) e *Amazônia, Patrimônio Universal?* (2010).

Jarbas Passarinho foi um dos articuladores do golpe militar de 1964, o que de certa forma pode ter sido motivo para que sua obra não fosse muito divulgada no meio acadêmico. Foi, também, membro da Academia Brasileira de Letras, bem como pertencia à Academia Brasiliense de Letras. Morreu em 5 de junho de 2016,

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

aos 96 anos, em Brasília. Interessante observar que Jarbas Passarinho, tendo nascido em Xapuri, região de seringueiros, migra com a família para Belém para sair do seringal em busca de outra vida, já que no período em que nasceu o preço da borracha estava em plena decadência.

Em sua dissertação de Mestrado, *“Terra Encharcada: um diálogo entre a Criação Literária e certas Histórias da Amazônia”* (UNIR/MEL 2019), Francisco Américo Moraes chama Jarbas Passarinho de “um passarinho híbrido” fazendo alusão a uma de suas obras intitulada *Um Híbrido Fértil*. Não está claro o motivo do adjetivo “híbrido”, talvez pelo fato de ter nascido no seringal e se mudado para o Pará, depois para o sudeste e ter seguido a carreira militar ou por ser militar e mesmo assim escrever sobre uma revolta de trabalhadores.

1. O romance Terra Encharcada⁴

Terra Encharcada, é um romance cujo enredo centra-se em uma rebelião de seringueiros no interior do Estado do Pará, conhecida como “Revolta de Jari” ou “Revolta de Cesário”, uma vez que José Cesário, natural de Caicó, no Rio Grande do Norte liderou a revolta. Zé Cesário, ou José Cesário.

Nesta “Revolta de Cesário” (1928), os seringueiros insurgentes tomaram um navio na região e prenderam alguns capatazes conhecidos pela severidade e crueldade. Foi uma revolução, por assim dizer, pouco violenta e tencionava mostrar a insatisfação pelos maus tratos e crueldades do dono do seringal, incluindo assédio da esposa de Zé Cesário por Duca Neno que era cunhado do maior latifundiário do mundo, na época, o Coronel José Júlio de Andrade.⁵ Neste aspecto poderíamos até mencionar que o comportamento revolucionário de Cesário refletia mais os ensinamentos de Mahatma Gandhi do que de Frantz Fanon em *Os Condenados da Terra* (1991).

A obra de Jarbas Passarinho, portanto, parte deste contexto de exploração de trabalhadores e uma revolta exitosa. *Terra Encharcada* foi originalmente escrita em 1948 e esquecida devido à dedicação do autor à vida militar. Antes de ser submetida

⁴ Esta secção baseia-se em parte em um artigo de Nenevê e Da Silva “AMAZÔNIA, UM INFERNO ENCHARCADO: UMA LEITURA DE TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO” publicado na Revista Igarapé v.13.n 1, (maio 2020).

⁵ Ver <https://informandoeeducando.blogspot.com/2011/06/paginas-da-historia-do-jari-conflito-no.html>

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

para concorrer ao prêmio, “Samuel Wallace MacDowell”, a obra sofreu várias alterações. Não se sabe, no entanto, que alterações foram promovidas nesta época. Israel de Novaes em “Nota Explicativa” à edição do Clube do livro (1968) explica que o livro de Passarinho “trata-se de um “roman-à-clê”, pois o episódio central aconteceu de fato a certa altura da vida paraense, e o escritor que se impressionara com ele, considerou-o digno de um desenvolvimento em romance tal a sua impressão simbólica”(8)

O autor, se não fosse sua dedicação à vida militar, talvez tivesse promovido outras revisões e impedido a censura na época da ditadura. Jarbas Passarinho por sua postura em favor do AI-5 e outras ações que resultaram perseguições a outros intelectuais acabou recebendo algum julgamento desfavorável de certos críticos. Segundo Francisco Américo Moraes (2019),

Quatro dias depois,[da morte de Jarbas Passarinho] portanto, em 9 de junho, Gilson Dantas (2016), doutor em sociologia pela UnB (Universidade de Brasília), redigiu uma nota irônica sobre a morte de Jarbas Passarinho: “Estamos diante de um coronel da ditadura que morre ‘anistiado’, no conforto de uma velhice abastada, solto como um pássaro” – e muitos outros morreram na mesma condição de impunidade, dentre eles podemos citar o colega de armas de Jarbas Passarinho, o igualmente Coronel do Exército Brasileiro Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército, um dos órgãos atuantes na repressão política durante a Ditadura Militar” (MORAES, 2019, p.23)

Terra Encharcada ainda teria nova edição publicada pela editora Expressão e Cultura, em 2001, da cidade do Rio de Janeiro, dentro da coleção Páginas Amarelas, em formato de edição de bolso. Quando pesquisamos trabalhos acadêmicos sobre *Terra Encharcada*, além da recente dissertação de mestrado, já citada, desenvolvida por Francisco Américo Moraes, encontramos uma fortuna crítica, ainda em construção, como peça chave da historiografia literária da Amazônia. Numa das poucas fontes temos o estudo de Tuylla Rayane Tavares da Cunha, (2018), que menciona sucintamente em seu trabalho intitulado: “*Guerra, Sertão e Memória: Os pracinhas Sertanejos e os Soldados da Borracha Na Segunda Guerra Mundial*” (2018). A autora cita a obra Terra Encharcada, ao abordar as dificuldades enfrentadas pelos migrantes quando chegam ao Norte do país.

Francisco Américo Martins, mestre em Estudos Literários, já referido, também escreve sobre a “tesoura” imposta à obra de Jarbas Passarinho: “Quando a espada corta a pena” publicado pela Revista Temporalidades discute alguns cortes

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

promovidos pela censura do regime militar. (v. 11 Belo Horizonte, Vol. 11, n.3 (set./dez. 2019). Moraes enfatiza a questão da censura moral imposta ao trabalho literário. Na dissertação *“Terra Encharcada: um diálogo entre a criação literária e certas Histórias da Amazônia”*, também já citada, Américo Moraes apresenta um estudo historiográfico-literário do romance *Terra Encharcada*, oferecendo uma reflexão sobre a situação social de explorados/escravizados dos chamados “brabos”, sertanejos nordestinos flagelados pela seca. Moraes percorre cenários nacionais que ambientaram as edições do livro, com a intenção de levar aos leitores o conhecimento de todas as edições da obra.

Não há ainda nenhum estudo específico sobre a obra com fulcro na relação do homem com a natureza ou com os animais, como também nenhuma produção acadêmica centrada no que aqui denominamos coração das trevas, isto é, na condição infernal em que viviam os trabalhadores. O que pretendemos destacar a seguir é que *Terra Encharcada*, de Jarbas Passarinho, pode ser lida como um convite a perceber que a vida dos seringueiros na Amazônia, sua relação com a natureza e sua condição de explorado que não coadunava nem de longe com os sonhos que muitos alimentavam sobre o novo lugar.

2. *Terra Encharcada*: o seringueiro e sua relação com o patrão e com o ambiente do seringal

Desde o momento que deixava sua comunidade, começava a dever ao patrão. Devia a passagem do navio até o Pará e o dinheiro que recebia para se preparar para a viagem. E daí sua dívida aumentava constantemente. (Euclides da Cunha)

A epígrafe acima é extraída do livro *À Margem da História* de Euclides da Cunha (1999). Uma boa leva de escritores e estudiosos da Amazônia seguiram a trilha da denúncia das injustiças cometidas no seringal. Samuel Benchimol, em seu *Romanceiro da Batalha da Borracha* (1992) menciona uma carta de um seringueiro que denuncia um gerente aos seringalistas, contando as injustiças e a servidão de que foi vítima nos “tempos de outrora” (BENCHIMOL, p.196). O seringueiro inicia a carta: “Fala um escravo branco, vítima de um curioso blefe passado caprichosamente por dois famigerados João Artur de Paiva e Manuel Baptista Maia, aquele gerente do seringal Araçá, depósito de Atalia no rio Jurupary...”

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

(BENCHIMOL, p.196). Segundo Benchimol, esta carta-denúncia nunca foi atendida e mais tarde houve a tragédia em que o dono do seringal foi morto em emboscada por seringueiros e outros seringalistas. Assim, as obras de estudiosos sobre a Amazônia, principalmente as obras de ficção se servem constantemente da condição sofrível do seringueiro para motivo literário. É o caso de *Terra Encharcada* de Jarbas Passarinho.

O romance *Terra Encharcada* toma emprestado o nome do personagem histórico José Cezário, para o herói do romance (José Cesário). O texto literário denuncia as condições miseráveis em que viviam e morriam milhares de homens semi-escravizados no seio da floresta amazônica. A produção de borracha tinha como finalidade atender às necessidades da indústria dos principais mercados internacionais como os Estados Unidos e a Europa. Quem lucrava com isso era somente o patrão, o dono do seringal e talvez alguns de seus gerentes. A realidade vivida pelos seringueiros no romance era a realidade de muitos seringueiros, como explica Antônio Loureiro (1982)

[...] num regime de semi-escavidão, pois, dificilmente o seringueiro libertava-se deste sistema explorador. Mesmo obtendo saldo, as despesas da volta tornaram-se tão abusivas, que os ressuscitados constituíam-se em uma exceção. Além do mais, os seringalistas esforçavam-se para não deixar partir tão bons trabalhadores, capazes de lhes aumentar a produção. Quando se tornava impossível retê-los, eram tocados e mortos, com o objetivo de roubar-lhes o que haviam juntado, após anos de sacrifício (LOUREIRO, 1982, p. 170).

O dono do seringal, visando o lucro certo, tornava-se mais preocupado com a queda do preço e, conseqüentemente, mais cruel no trato com os seringueiros.

Marcio Souza (1994) discute o problema da borracha e o início da crise nos seringais brasileiros devido a uma pirataria:

Em contrapartida anos antes do apogeu do ciclo da borracha, numa operação de contrabando à qual a lenda empresta lances de ação de espionagem, o aventureiro inglês Henry Alexander Wickham conseguiu uma partida de setenta mil sementes de seringueira e enviou para Londres..." (SOUZA, M. 146)

A quebra do monopólio da seringa da Amazônia iria, portanto, trazer dificuldades aos coronéis brasileiros, "até dar o golpe de misericórdia que viria com o fim da Primeira Guerra Mundial" (SOUZA, 1994, p. 146). O contínuo descambar do preço da borracha podia ser notado a partir de 1910, e se agravaria constantemente

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

até o fim da guerra, que é mais ou menos o tempo em que se passa o romance de Jarbas Passarinho. Márcio Souza (1994) complementa:

A partir de 1910 a queda do preço já era visível e o recursos em solvência, precários. Em 1920, quando o capitalismo mundial atravessava um de seus momentos de frenesi, as orgulhosas metrópoles, Belém e Manaus, eram cidadelas vencidas e em processo de liquidação. Quanto às medidas de salvação do governo federal, estas não constituíam sequer paliativo, os conceitos monetaristas que dominavam a política econômica federal, ideologia cara aos estados brasileiros, acabariam vencendo e abandonando os extrativistas.” (SOUZA, 1994, p.147).

Os seringais tinham várias normas que deveriam ser estritamente respeitadas pelos seringueiros. Algumas normas estavam concentradas na maneira de cortar a seringa. Havia regulamentos, por exemplo de Octávio Reis, descrito por Samuel Benchimol (1992). Nele vemos que as normas para o corte de seringueira eram rígidas. O autor menciona a largura da arreação e raspagem entre muitas outras normas que o seringueiro tinha que obedecer quando tocava na árvore. Benchimol (1992) menciona outras normas, por exemplo, o “comprimento do corte”, a “distância de um corte do outro”, “distância das arredações” e “o espaço de uma arredação” entre outros (BENCHIMOL, 1992, p.239)

Pode-se imaginar as dificuldades de um “brabo”, isto é um iniciante no corte da seringa, logo após sua chegada para se adaptar às normas. Após a coleta do leite, o seringueiro precisava defumar o látex, serviço que era feito no tapiri. Depois disso, tinha que levar o rolo de borracha para o barracão, onde eram feitos os acertos de contas. Neste ponto muitas vezes eram cometidas injustiças na hora da pesagem. O pagamento aos seringueiros frequentemente não acontecia pois ele já estava devendo ao patrão devido a compras que tinha que fazer no barracão.

O que importava era sempre o bem estar e o contínuo lucro das oligarquias, dos donos dos seringais. À medida que a borracha caía de preço, quem sofria o corte mesmo eram os seringueiros, não os seus patrões. Além da violência, da injustiça e do que classificaríamos hoje como assédio moral dos gerentes dos seringueiros, havia também o perigo “das flechadas dos índios, picadas de cobras, das emboscadas de inúmeras das milhares de doenças como beribéri, pelagra, malária, maleita e ferida braba.” (BENCHIMOL, 1977, p. 159). Assim, não é difícil imaginar como a vida do seringueiro era desgastante, o que lhe causava muitas vezes arrependimento por ter deixado o Nordeste.

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

A vida no seringal era, portanto, ditada pela força, a lei que era mais obedecida era a lei do fuzil. Arma que servia para impor ordem, como também para caça aos animais. As mulheres, sempre em número bem menor em relação aos homens, tornavam-se facilmente objeto da gula e da volúpia do mais forte, o patrão ou o gerente. Em Terra Encharcada, a revolta pelo modo que sua mulher foi tratada é visível em Cesário: “O sertanejo sentiu um arrepio. Logo quem! O miserável que mandara sua mulher e filho para um antro de perdidias e a quem ele desejara dar uma surra de moer-lhe os ossos (PASSARINHO, 1968, p. 128). Esta revolta de Cesário é causada pelo fato de sua mulher ser colocada junto às prostitutas pelo próprio gerente com quem está falando.

A situação da adolescente Raimunda que se torna o objeto de desejo do Seu Lira é outro exemplo da condição feminina no seringal. Quando tem condições de falar ela exclama: “Quero ir embora. Bem longe disto aqui. Quanto mais longe melhor” (PASSARINHO, 1968, p.104). A “Revolta do Cesário” como ficou conhecido na história na realidade, é a revolta contra todas estas condições em que o mais tem que obedecer ao mais forte.

Como vimos afirmando, o cenário fictício de Passarinho se dá na mesma região onde aconteceu o fato histórico em um seringal no remoto Jari, na fronteira do estado do Pará, no Vale do Jari (no romance passa a ter o nome de Jami no romance). Este local recebeu nordestinos que deixavam a seca para trabalhar na extração da borracha. O coronel Antônio Carlos, do romance, representa o Coronel José Júlio de Andrade, já citado anteriormente, que aumentou seu latifúndio e suas economias à custa da exploração de seringueiros e de outros meios ilícitos aproveitando-se da condição de deputado estadual e senador pelo estado do Pará. Foi parado por uma revolta de seringueiros liderada por José Cesário por isso também conhecida por “Revolta de Cezário”.⁶ Desta forma, é importante notar que

⁶ Para informações a este respeito ver artigo de Ruy Medeiros Fernandes José Cezário de Medeiros (*1904+1980) foi um caicoense que migrou para o Estado do Pará no primeiro semestre de 1928, levando consigo a mulher e três filhos dela, havidos de um relacionamento anterior, que adotou como seus; aos filhos adotivos se somaram-se mais oito havidos do casamento dela com José Cezário. Foi contratado para trabalhar em um empreendimento chamado Projeto Jari, tendo como local de trabalho a Selva Amazônica, próximo ao município de Arumanduba, onde se situava a sede da empresa. Liderou uma revolta, bem sucedida, em 1928 contra as péssimas condições que sofriam os seringueiros (ver texto de Ruy Medeiros Fernandes - CAICOENSE HERÓI NA AMAZÔNIA)

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

em 1968, no lançamento da segunda edição de *Terra Encharcada* no auditório da Reitoria da Universidade do Rio Grande do Norte pelo autor, estavam presentes familiares do herói nacional José Cezário de Medeiros, o caicoense Cesário do romance de Passarinho.

Na realidade, o que a personagem de Jarbas Passarinho aprendia aos poucos era que ali estava o inferno, um inferno inaceitável, muito pior que o inferno da seca. Isso lhe dava forças para esperar o tempo certo para lutar. Este inferno, porém, já aparece no romance antes da apresentação da personagem Cesário. O personagem Oliveira já sente isso:

Tudo parecia piorar, como se fosse possível àquela gente, já de si tão fraca e infelicitada, suportar maiores sofrimentos. Nem emprego, nem saúde. Caíra em cheio no 'cercado' a maldição de Deus. A morte cobrava o seu quinhão, impiedosa e má. Logo a notícia chegou à saúde pública. Grassava o tifo, favorecido pela promiscuidade e pela imundície em que chafurdavam milhares de pessoas. Houve um grito de alarma e de terror. Embargaram-se os passos dos retirantes, isolando-os. Evitou-se, nos locais de trabalho coletivo, o seu concurso ou a sua simples presença. Marcados pelo estigma da peste, repelidos, evitados, restou-lhes submeterem-se a um violento processo seletivo natural. (PASSARINHO, 1968, p. 18).

A família do personagem Oliveira foi abatida pela doença que fez tantas vítimas nas secas, restando apenas o filho, Zé Luís, que com 16 anos, partiu para a Amazônia. O inferno seco do Nordeste iria ser transferido para a Amazônia, isto é, para um “um inferno verde” como já tinha denominado o geógrafo alemão, Alexander von Humboldt, o fundador da geografia física. Neste caso, mais apropriado seria chamar o inferno encharcado.

O seringueiro começava a dever ao patrão, desde o momento em que deixava a sua localidade no nordeste. Como já afirmava Euclides da Cunha em *À Margem da História* (1999) citado por Galvão e Costa em seu texto *Seringueiros na Amazônia* (2018): “Desde o momento que deixava sua comunidade, começava a dever ao patrão. Devia a passagem do navio até o Pará e o dinheiro que recebia para se preparar para a viagem. E daí sua dívida aumentava constantemente”. (EUCLIDES DA CUNHA IN GALVÃO E COSTA, 2018, p.3). O seringueiro percebia que tinha entrado em um pesadelo, um pesadelo de miséria, o submundo de Hades repleto de agonias e angústias, um limbo escuro na floresta, sem grandes possibilidades de fuga. Assim, pode parecer o eterno mundo da perdição ou um

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

lugar de condenação. Passaremos a observar no texto *Terra Encharcada* que demonstra o mundo dos seringueiros como um buraco sem fundo, este inferno que não oferece oportunidades para fugir e alcançar o paraíso:

Antes, pelo contrário, “avassalava-o uma irreprimível sensação de horror e tédio, de insegurança, de medo, de angústia, abafado na selva impressionante, lúgubre e estranhamente silenciosa.” (PASSARINHO, 1968, p.60...). O inferno, para Cesário e os companheiros como Calixto e Sena, e demais companheiros, é vislumbrado na seguinte passagem sobre o Igarapé Taguari: “E ele ficara perdido naquele inferno, sem um amigo, sem ninguém que se interessasse por sua sorte, há mais de dez anos.” (PASSARINHO, 1968, p. 60). O padrão ou gerente era o demônio daquelas regiões infernais: “Manuel Lira, o gerente, encarregava-se de obter maior rendimento possível, sem cogitar dos sacrifícios impostos ao homem e à região. Fora dos primeiros a fraudar o peso da borracha” (PASSARINHO, 1968, p. 60).

Em outra passagem, o autor usa a palavra inferno para descrever a situação de Cesário: “Cesário já se convencera da impossibilidade de permanecer ali. Mas ainda não sabia como sair daquele inferno. Ao fim do mês, nada recebendo de salário, procurou Manuel Lira” (PASSARINHO, 1968, p.66). Manuel Lira não paga, e uma atitude de zombaria, diz que o coronel fez caridade ao acolher trabalhadores que morriam de fome no Nordeste. Aquele mundo de sombras deixava Cesário e os demais, macambúzios, em um estado perpétuo de desconforto. Tudo parecia levar os seringueiros para um abismo sempre mais sorumbático. Dir-se-ia que os trabalhadores caminhavam para morte, como um gado que não tem como reclamar de um triste fim iminente: “Caminhavam para a morte, sem um protesto, sem um gesto de audácia, cavando a sepultura com as próprias mãos.” (PASSARINHO, 1968, p.83). E Cesário reflete e se indaga:

-Sim, seria ótimo se eles levantassem juntos e juntos exigissem justiça. Quantos, contudo, seriam capazes de lutar contra Antônio Carlos? O mais parecia inexplicável era o comportamento dos nordestinos, transplantados para a Amazônia. Mudaram completamente os seus códigos morais aprendidos na luta diária do sertão. (p. 83)

Mais adiante parece que sua decisão de lutar vai crescendo: - “Com os diabos, explodiu. É preciso alguém tomar a iniciativa e lutar.” (PASSARINHO, 1968, p.83).

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

O fato de os seringueiros comportarem-se como mortos, sem motivação para a luta, talvez convencesse mais Cesário, que ele estava na região dos mortos. No entanto, ele ainda encontra forças para imaginar uma luta contra a situação infernal em que vive. Havia nele ainda a sanidade para acreditar que pior do que aquele inferno, era não lutar:

O sertanejo desceu as escadas como autômato. Precisava, urgentemente, de comunicar-se com Calixto, mas sem provocar suspeitas. Absorto em suas preocupações, lembrava-se também de Zé Luis e teve-lhe pena. Sua má sorte, órfão, atirado naquele inferno, despertou-lhe no coração, contristado, um sentimento paternal, afetivo, que fazia esquecer, momentaneamente, as suas próprias amarguras." (PASSARINHO, 1968, p.93)

Chega o momento que sua coragem brota com mais vigor e ele abertamente e bravamente luta contra os demônios daquele inferno: “-Estou disposto a dar até minha vida para me ver livre, de gente como esta. Eis um homem que ontem insultava, esbordoava, berrava com Deus e o mundo.” (PASSARINHO, 1968, p.97). Parece ser impossível não interpretar este homem, o gerente, como um demônio, um representante do mundo das trevas, que “berrava contra Deus e o mundo.” (PASSARINHO, 1968, p. 97).

Com poderes de falar com o coronel de igual para igual, depois de ter dominado os gerentes por meio de sua rebelião, Cesário vai mostrar ao coronel como ele proporcionou aos trabalhadores um mundo de escravidão, correspondente a um inferno. Cesário desabafa ao coronel Antonio Carlos:

O senhor está mal informado, quando diz que obriguei seus empregados a fugir. Vieram porque quiseram. Todos saem daqui porque nas suas terras, o que se pratica é pior que escravidão. O senhor fez riquezas, os seus gerentes têm lucros elevados..." (PASSARINHO, 1968, p.118)

O inferno para os seringueiros, portanto, como vemos em *Terra Encharcada* não é comparado com aquele Inferno Verde de Humboldt e outros, onde a própria natureza age como o inimigo, mas sim, um inferno onde o inimigo, o coiso, o satanás, é o homem avaro, sem piedade e sem consideração pelos trabalhadores.

Como dito anteriormente, é interessante notar também a relação do homem seringueiro com o seu meio, com o ambiente em que vive, que de certa forma já é infernal antes de chegar na Amazônia, como nos mostra o texto,

O vento, não raro, espancava o chão ressequido e crestado, levantando espirais de pó, descendo sobre os galhos secos dos ouricurizeiros, entrando

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

e saindo dos capões numa corrida louca. Em sua peregrinação revolta, invadia a casa, empoeirando tudo, deixava nos lábios gretados uma ardência de urtiga e ferroadas insuportáveis nas gargantas sedentas (PASSARINHO, 1968 p.9)

Esta condição de retirantes em busca de uma possível terra prometida se prolongava no tempo. O ser humano quase se igualava aos animais na desesperada busca da sobrevivência:

A maré dos retirantes engrossava num crescendo impressionante. No solo escaldante e árido, homens e mulheres, anciãos e crianças, procuravam ávidos, quase animalescos, tudo que lhes poderia servir de alimento. Um cajuí murcho e escondido na ramagem rala, uma raiz de umbuzeiro para dessedentar, ou a macambira providencial, água e pão a um tempo, eram procurados com sofreguidão. Na ânsia de alcançar essa migalha, com que a natureza parcimoniosa lhes acenava, não temiam as cascavéis mortais, que se enrodilhavam nas caatingas e quando, devolvidos à razão, tentavam precaver-se, era, não raro, tarde. (PASSARINHO, 1968, p. 11)

O que se percebe é que antes mesmo da chegada na Amazônia, o inferno já é antecipado. O narrador apresenta uma condição infernal não só após a chegada, mas no próprio processo de migração: “Ao chegarem em Fortaleza, os Oliveiras já encontraram o vasto cerrado que demarcava o acampamento dos retirantes. Às portas da cidade, sob a fronde castigada dos cajueiros, ia o mole humano aglomerando-se, comprimindo-se, aboletando-se.” (PASSARINHO, 1968, p. 13). Numa percepção bem telúrica, o homem assemelha-se à natureza:

E enquanto sorria docemente, ele pensou que o seu afeto por ela se assemelhava ao cacto espinhento, que vinga no leito estorricado e incandescente do sertão. Nasce da dor e do padecimento. Quanto mais forte a soalheira, quanto mais depressa os outros vegetais ressecam e morrem, tanto mais vigoroso e túmido se mostra o cacto, florido e farto na extravagante ostentação de energia e de vida. Era assim ele mesmo. (PASSARINHO, 1968, p. 18).

A natureza que também castiga e que é parte do inferno dos humanos neste ambiente não poupa absolutamente ninguém: “As crianças nuas, as mulheres fumando seus cachimbos ou mascando o tabaco mole ficaram para trás, atormentados todos pela picada dolorosa dos piuns, sedentos de sangue.” (PASSARINHO, 1968, p.54).

Terra Encharcada oferece também uma reflexão sobre a reação do homem que vai ao seringal em busca da sobrevivência e se depara com uma natureza

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

diferenciada. As árvores gigantes, tudo parecia quase uma ameaça para Zé Luís, recém chegado à Amazônia:

Zé Luís espantava-se com a densidade das ramarias. Se antes, a bordo, estonteara-se com a igualdade aparente do conjunto quedava, agora atordoado ante a multiplicidade das espécies. As sumaumeiras gigantescas, com os caules começando em largas abas que surgiam do solo, formando compartimentos espaçosos ao redor do tronco, contrastavam com os açazeiros esguios, balouçando as copas espalmadas, salpicando todo o caminho. As touceiras de aninga, profusas no lodo dos mangais, as flores de mururé, pintalgando as águas dos igarapés, os tufo da canarana ribeirinha, a abundância em quantidade e qualidade dos cipós, tudo lhe transmitia um poderoso e deprimente sentimento de inferioridade. (PASSARINHO, 1968, p. 55)

O ambiente da Amazônia pode parecer, para o seringueiro recém chegado aquele inferno descrito por tantos viajantes. Animais ainda desconhecidos para o seringueiro parecem se tornar uma ameaça, um perigo, um anúncio de um mundo agressivo. No entanto, em uma perspectiva ecocrítica podemos perceber que os animais são os agredidos, pois têm seu território invadido por novos habitantes. O romance nos oferece esta reflexão em vários momentos. Um exemplo disso é o que vemos nesta passagem: “Atravessando chavascais, cortando igapós, espantado com os movimentos bruscos das aves assustadas, adejando as asas e balouçando os ramos de que alçavam vôo, atemorizado da presença possível da onça terrível ou da serpente monstruosa...” (PASSARINHO, p 60). Em outro momento, vemos mais claramente como o narrador apresenta uma situação de um animal que está sendo vítima da presença humana. É o peixe boi, pacífico, ao contrário da onça, mas que recebe toda a agressão do homem:

Na proa, Onofre mantinha-se numa vigilância permanente. Parecia não sofrer com os terríveis mosquitos, mas suas costas mostravam, em sangue, o suplício que lhe infligido. Assim passaram horas, até que, em dado instante, lobrigando o focinho do cetáceo à tona, rápido e ágil Onofre ergueu-se, empunhando o arpão, e o desferiu violento e certo de encontro ao alvo. O impacto se deu em cheio, com o peixe-boi já se recolhendo ao fundo. Mas era tarde. O aço do arpão já se lhe cravara firme. Com a dor, o animal deu um enérgico empuxão, revolvendo a água que, lançada ao alto e longe, fracionou-se e caiu em borrifos dentro da canoa. Já então seguro à boia, Onofre meio agachado resistia aos arrancos do peixe-boi que furioso arrastava pela corda presa ao arpão e com a extremidade fixa a boia, a canoa do pescador em ziguezague pelo igarapé agora toldado e em reboição. (PASSARINHO, 1968, p. 70)

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

O narrador parece se compadecer do animal, descrevendo a sua dor e sua luta pela sobrevivência. Como nos alerta Greg Garrard, ao referir-se ao pensamento de Donna Harraway “os animais deixam nós humanos em um contínuo processo de re formação, assim como nós afetamos a evolução tanto de animais domésticos e selvagens (PASSARINHO, 1968, p. 153). Podemos dizer que o leitor de *Terra Encharcada* pode ter esta percepção em algumas passagens do texto que se refira aos animais.

No seringal, o seringueiro é a vítima, aquele que sempre está em dívida com o patrão mesmo dando o máximo de sua capacidade para a produção da borracha. Quando falta alimento, é à caça que ele recorre. E aí vale novamente a lei do rifle. Ele se arma e vai em busca de um animal que servirá para seu sustento. No excerto seguinte percebemos como a narração sobre a caça à cotia, de certa forma convida o leitor a observar o animal como mais uma vítima:

Os mantimentos já se iam escasseando e agora o rifle andava sempre pronto para abater uma caça desgarrada que atravessasse o itinerário dos seringueiros. A sorte brindou a Zé Luís, certa manhã, trazendo-lhe, ao alcance do tiro, uma pequena cutia arisca, saltitante, cortando de perto a curva da senda, despreocupada....Num segundo seus músculos retesaram, pousou a machadinha, com um cuidado extremo, no chão, enquanto, enquanto o pequeno animal, fulvo, farejava a mata próxima. Rápido, mas em absoluto silencio, firmou o rifle na borda do tronco da seringueira e atirou. Mortalmente atingida a cotia rolou sob a violência do impacto, levantou-se ainda e, trôpega, esvaindo-se em sangue foi cair, nas vasculas da morte, pouco adiante. Numa carreira desabalada, Zé \Luis lançou-se ao seu encalço e apanhou-a dando expansão a sua alegria quase infantil (PASSARINHO, 1968, p. 80)

Parece ser possível para o leitor de *Terra Encharcada* observar ou questionar até que ponto a obra trata questões ambientais ao enfatizar em certas situações o sofrimento do animal de caça como vítima. É o caso da cotia, que esvaindo-se em sangue, ainda procura um meio de fugir de seu caçador. Pode ser possível dizermos que a obra sugere reflexões sobre a relação entre o ser humano e os demais seres, neste caso, os animais de caça, bem como entre o ser humano e o ambiente amazônico. Podemos pensar, talvez, que o texto em sua narrativa aponte para a necessidade de uma consciência ecológica. A natureza é o desafio, assim como a natureza é desafiada: “Falava-se, com temor, de uma enchente colossal, que arrasaria tudo, cobrindo as várzeas e indo lamber a galhada frondosa dos “firmes”,

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM *TERRA ENCHARCADA* DE JARBAS PASSARINHO

afofando e sepultando num cemitério líquido, de aluvião suspenso, as terras e os homens.(PASSARINHO, 1968, p. 82). Assim, a terra se encharca, se revigora e continua a ser um desafio para o homem que pode considerá-la um inferno encharcado.

Considerações Finais

Terra Encharcada pode, de alguma forma, ser colocada entre as obras que exploram a vidas nos seringais, como *A Selva* do português Ferreira de Castro, *A Voragem* do colombiano José Eustáquio Rivera, *Terra Caída* de José Potyguara e *Seringal* de Miguel Ferrante entre muitas outras. No entanto, esta obra aprofunda o tom quando se refere à crueldade dos donos dos seringais e de seus gerentes em relação aos seringueiros. Baseada em fato histórico acontecido já no período em que o preço da borracha torna a extração quase inviável, o romance revela que a Amazônia se torna um verdadeiro inferno para os trabalhadores pobres. O inferno aqui é causado não tanto pelas dificuldades da natureza, mas pela maldade dos seres humanos que se consideravam os donos da região sem nenhuma consideração por outros seres menos favorecidos.

Ademais, pelo viés ecocrítico podemos incluir entre os menos favorecidos os animais no seringal. Estes também se tornam vítimas destas condições do seringal, tendo seu habitat invadido e tornando-se o alvo dos rifles que imperavam neste ambiente. Podemos afirmar que a obra nos oferece esta oportunidade de refletir sobre como são aqui abordados, explorados no contexto do seringal, os não humanos, principalmente os animais, vistos pelo seringueiro como meio de sua subsistência quando a fome impera neste inferno encharcado. É o inferno da exploração em suas próprias peles. O ciclo apresentado no romance aponta que primeiro há a violência do homem contra o homem, depois do homem contra a natureza física e finalmente contra a natureza animal.

Em seu texto *“Reinventar a descolonizar a escrita sobre a região”*, Miguel Nenevé e Sonia Sampaio (2016) argumentam que “talvez o fato de a natureza oferecer dificuldades de dominação devido a vários obstáculos como a custosa

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO

navegação que determinou o insucesso de tentativas de colonização ao longo da história da região, tenha motivado imaginações de vários viajantes” (NENEVÉ E SAMPAIO, 2016, p.15). Estas imaginações levaram a criação de várias interpretações sobre o inferno verde. Em *Terra Encharcada*, no entanto, a selva negra, escura carente de luminosidade não é a selva Amazônia, mas a selva de seres humanos que se deslocaram para a região com o intuito de obterem lucro e mais lucro, desconsiderando o ambiente encharcado, característico da Amazônia, habitado por indígenas e uma grande variedade de animais, que serão expulsos do seu ambiente.

Os trabalhadores nordestinos, expulsos de seus ambientes pela seca, também serão vítimas da gula do dono do seringal. Concluimos, portanto, chamando a atenção para a necessidade de repensar empreendimentos na Amazônia que consideram o espaço vazio e acabam exterminando animais e a floresta natural ao mesmo tempo em que exploram os habitantes locais visando lucros apenas a uma pequena oligarquia.

Referências

BENCHIMOL, Samuel. Romanceiro da batalha da borracha. Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, Manaus: Imprensa Oficial, 1992.

BENCHIMOL, Samuel. Um pouco-antes e além-depois. Manaus: Umberto Calderaro, 1977

CUNHA, Euclides da. À Margem da História. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CUNHA, Tuylla Rayane Tavares da. “Guerra, sertão e memória: os pracinhas sertanejos e os soldados da borracha na Segunda Guerra Mundial. 2018. 98 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em História dos Sertões, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2018.

DA COSTA, Josué. Da Silva, Rachel. “Da Floresta ao urbano: Cemitérios Sagrados.”

UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM *TERRA ENCHARCADA* DE JARBAS PASSARINHO

“(<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Geografiasocioeconomicas/Geografiacultural/40.pdf>)

GARRARD, Greg. *Ecocriticism: the new Critical Idiom*. London and New York: Routledge, 201.

KERRIDGE, R. and SAMMELLS, N. *Writing the Environment*. London: Zed Books, 1998.

LOUREIRO, J de J.P. *Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário*. Belém: Cejup, 1995.

LOUREIRO, Antonio. **Amazônia – 10.000 anos**. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1982.

MORAES, FRANCISCO AMÉRICO MARTINS. “Terra Encharcada: um diálogo entre criação literária e certas histórias da Amazônia”. Dissertação de Mestrado. (Orientação Dr. Helio Rocha). Mestrado em Estudos Literários. UNIR. 2019

_____. “Quando a espada “corta” a pena censura moral no romance *Terra Encharcada*, de Jarbas Passarinho.” v. 11 n. 3 (2020): Edição 31 - Temporalidades, Belo Horizonte, Vol. 11, n.3 (set./dezembro 2019)

MOREIRA, Eidorfe. Influências Amazônicas no Nordeste http://ceara.pro.br/acl/revistas/revistas/1975/ACL_1975_24_Influencias_amazonicas_no_nordeste_Eidorte_Moreira.pdf

NECK, Aureliano “O encantado Vale do Jari” disponível em <http://casteloroger.blogspot.com/2012/12/vale-do-jari-historia-contada-em-samba.html>

NENEVÉ, M. DA SILVA, R. B. “Amazônia, um Inferno Encharcado: uma leitura de *Terra Encharcada* de Jarbas Passarinho. *Revista Igarapé* (v 13, n. 1) maio 2020.

NENEVÉ, M. SAMPAIO, S. “Reimaginar a Amazônia. In Albuquerque, G, Nenevé, M. e Sampaio S. - *Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização*. Rio Branco: NEPAN, 2017.

PASSARINHO, Jarbas. *Terra Encharcada*. Rio: Clube do Livro, 1968.

**UM INFERNO PARA O SERINGUEIRO E PARA OS ANIMAIS EM
*TERRA ENCHARCADA DE JARBAS PASSARINHO***

SILVA, Antonio Galvão e Costa, Josué. "Seringueiros na Amazônia. Disponível em https://www.neer.com.br/anais/NEER2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20AntonioCarlosGalvaodaSilva.ED2V.pdf

SOUZA, Marcio. Breve História da Amazônia. S Paulo: Marco Zero, 1994.